UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Jefferson Meister Pires

O JORNAL ZERO HORA E A PREPARAÇÃO BRASILEIRA PARA A COPA DO MUNDO FIFA 2014: ECONOMICISMO, PATRIMONIALISMO E DIMENSÃO ARCANA

Porto Alegre

Dezembro de 2014

Jefferson Meister Pires

O JORNAL ZERO HORA E A PREPARAÇÃO BRASILEIRA PARA A COPA DO MUNDO FIFA 2014: ECONOMICISMO, PATRIMONIALISMO E DIMENSÃO ARCANA

Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais – Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais

Orientação Prof. Dr. Alex Niche Teixeira

Porto Alegre, RS, Brasil

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos avós em memória: Maria Helena Santos e Mário Piá Itabaiana Meister por terem ajudado a colocar dentro de mim a vontade de saber mais e, em especial, minha avó que nunca deixou faltar as condições mínimas para que eu pudesse sonhar.

À minha família: minha esposa Valdirene e meus filhos Nicollas e Andrey, por serem tudo o que eu sempre quis ter ao meu lado, por me tornarem um ser humano melhor e mais feliz.

Ao meu orientador, Profº Dr. Alex Niche Teixeira, pela presteza e coragem de aceitar me orientar nesta jornada.

A todos os professores e colegas, por tornarem este curso uma aventura fascinante, por fazerem o desafio de ser um estudante de algo tão pouco valorizado no Brasil valer à pena e ser gratificante.

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres
Rosa Luxemburgo

Privatizado
Privatizaram sua vida, seu trabalho,
Sua hora de amar e seu direito de pensar.
É da empresa privada seu passo em frente,
Seu pão e seu salário.
E agora não contente querem privatizar
O conhecimento, a sabedoria,
O pensamento, que só à humanidade pertence
Bertold Brecht

RESUMO

O objetivo deste trabalho é tentar identificar nas páginas do jornal Zero Hora, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, durante o período de 02/01/2014 até 10/06/2014, a presença de elementos da teoria *patrimonialista* sobre o Estado brasileiro e da *dimensão arcana* da riqueza, conceitos utilizados respectivamente pelos professores Jessé Souza, no livro *"A Ralé brasileira: quem é e como vive"*; e Antônio David Cattani, no livro *"A Riqueza desmistificada"*. Buscamos nos dois primeiros capítulos uma breve construção dos dois conceitos, no terceiro capítulo o desenvolvimento da pesquisa e a apresentação dos conceitos estudados na forma como foram encontrados. No final uma conclusão acerca da hipótese de que estes conceitos estão presentes e se coordenam perfeitamente como partes de um modo de pensar dominante. Bem como a importância de profissionais das ciências humanas romperem com os modelos economicistas de análise e produção intelectual em busca de conhecimento crítico.

Palavras-chave: Economicismo; patrimonialismo; dimensão arcana; riqueza.

ABSTRACT

The objective is to try to identify in the pages of the newspaper Zero Hora, of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, during the period from 02.01.2014 to 06.10.2014, the presence of elements of patrimonial theory about Brazilian State and arcane dimension of wealth, concepts used respectively by teachers Jesse Souza, in the book *"The Brazilian Rabble: who you are and how you live"*; and Antonio David Cattani, in the book *"The Wealth demystified"*. We seek in the first two chapters a brief construction of the two concepts, the third chapter the development of research and the presentation of the concepts studied in the way were found. At the end a conclusion about the hypothesis that these concepts are present and coordinate perfectly as part of a dominant way of thinking. And the importance of professional human sciences break with the Economists analysis models and intellectual production in search of critical knowledge.

Keywords: Economism; patrimonialism; arcane dimension; wealthy.

SUMÁRIO

Introdução……...…….pág. 9

Capítulo 1 - Patrimonialismo e Economicismo: Jessé Souza e a crítica ao modelo explicativo liberal sobre a formação do mito social brasileiro.....pág. 13

Capítulo 2 - A *dimensão arcana* como mistificadora da realidade e da desigualdade social.....pág. 17

2.1 - Dimensão arcana e Indústria cultural.....pág. 19

Capítulo 3 - Copa do Mundo: Zero Hora e a preparação brasileira.....pág. 21

3.1 - O jornal Zero Hora e a cobertura sobre a preparação brasileira para a copa do mundo.....pág. 22

Considerações finais.....pág. 37

Referências Bibliográficas.....pág. 42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os dez maiores jornais diários do Brasil por circulação em 2013.....pág. 12

Quadro 2 - Índice de Confiança Social comparado nos anos de 2009 a 2013.....pág. 14 e 15

Quadro 3 - Distribuição das matérias encontradas em Zero Hora referentes aos preparativos do Brasil para a organização da copa do mundo FIFA 2014, de 02/01/2014 à 11/06/2014.....pág. 23 e 24

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - ZH 05/01/2014 - Como destravar a gestão pública.....pág. 25

Figura 2 - ZH 07/01/2014 - “Nossas casas, Nossas vidas”.....pág. 27

Figura 3 - ZH 07/01/2014 - Wianey Carlet.....pág. 28

Figura 4 - ZH 20/02/2014 - Editorial “A Presidente em campo”.....pág. 29

Figura 5 - ZH 29/01/2014 - Iotti “Obras da copa”.....pág. 30

Figura 6 - ZH 31/01/2014 - Copômetro - Trincheira da Anita em agosto.....pág. 31

Figuras 7, 8 e 9 - Coluna Diogo Olivier - Janeiro/Fevereiro 2014.....pág. 32

Figura 10 - ZH 16/05/2014 - Greves e manifestações antes da Copa do Mundo.....pág. 33

Figura 11 - ZH 22/04/2014 - Editorial “Cobertor curto”.....pág. 34

Figura 12 - ZH 01/06/2014 - Zh Transparência “Apoiamos a copa, sim! Mas com visão crítica”.....pág. 35

Figura 13 - ZH 01/06/2014 - “Duas copas, Dois Brasis”.....pág. 36

Figura 14 - ZH 30/01/2014 - Bola Dividida “Números da FIFA”.....pág. 37

Figuras 15 e 16 – Capas ZH de 16/05 e 16/03/2014.....pág 37

INTRODUÇÃO

Este trabalho vai analisar como, pelo período de janeiro a junho de 2014, o jornal Zero Hora abordou os assuntos relacionados com a preparação brasileira para a Copa do Mundo FIFA 2014. O objetivo é, através da análise de conteúdo, identificar a presença de elementos das teorias economicistas que tentam explicar a realidade brasileira, segundo o professor Jessé Souza, especialmente do elemento patrimonialista que baliza tanto o economicismo no meio científico quanto o presente no senso comum, no que toca a organização e atuação das instituições estatais brasileiras em contraste com as instituições privadas do mercado. O outro objetivo é tentar coordenar o economicismo que decorre dentre outros do patrimonialismo, com aquilo que o professor Antônio David Cattani chamou de dimensão *arcana* da riqueza. Utilizando o conceito de arcano não apenas para representar a riqueza, mas sim o próprio capital, ou os interesses que mantêm os ricos intocáveis no processo diário de exclusão social que vivemos no Brasil.

A hipótese que estrutura o trabalho é a de que existe uma perceptível reprodução das teses patrimonialistas e da dimensão arcana do capital em Zero Hora. Escolho o período compreendido entre 02 de janeiro até 11 de junho de 2014 por abarcar o ano em que a copa do mundo foi realizada no Brasil, até o início da mesma e também pelo acirramento de posições desde os famosos protestos de junho de 2013, algo que trouxe a preocupação com segurança como um dos principais temas da preparação para os eventos no Brasil.

Inicio esta jornada a partir da tentativa de buscar na obra de Jessé Souza, *"A Ralé Brasileira: quem é e como vive"*, um dos elementos principais que fundamenta as análises economicistas de sociedade decorrente da própria formação da identidade brasileira e identificar que uma das teses explicativas dominantes na sociologia e não obstante em toda a sociedade é a tese patrimonialista, onde o Estado brasileiro seria ainda tratado como propriedade privada de determinados setores e como esta tese serve de suporte no intuito de mistificar e naturalizar as desigualdades sociais brasileiras.

Patrimonialismo não é um conceito novo, tampouco criado no Brasil. Sua formulação sociológica remonta a Max Weber quando este analisou aquilo que chamou de tipos ideais de dominação[1]. Para o pensador alemão o patrimonialismo seria uma forma de dominação baseada na tradição patriarcal, comum à maioria dos impérios que já haviam existido sobre a

[1] In: WEBER, Max.**Sociologia**. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13. São Paulo: Ática, 1979.

Terra, recheado de práticas que levavam para administração do clã, do reino, do império as mesmas tradições compartilhadas dentro do ambiente particular, familiar Desta feita, surge o patrimonialismo como um *tipo ideal* de Estado baseado na dominação da tradição.

Para Weber o aparelhamento burocrático do Estado seria uma tentativa de superar problemas como o patrimonialismo, pois, trata-se de um tipo ideal de Estado baseado na dominação Racional-legal, que seria muito mais avançada do que os tipos tradicionais, por criar regras e procedimentos cada vez mais complexos para dificultar a reprodução da noção de posse do aparato estatal e, baseando-se na técnica e no profissionalismo, tornar as instituições estatais fortes e direcionadas a todos os cidadãos.

No Brasil, a tese patrimonialista está presente em diversos segmentos da vida cotidiana, literária e científica. Em obras literárias como o *"Tempo e o Vento"* de Érico Veríssimo onde a tradição das famílias Terra e Cambará têm papel fundamental na constituição do Estado, mas, especialmente nas obras sociológicas clássicas que difundiram o patrimonialismo, como no caso de Gilberto Freyre em *"Casa grande e senzala"* e Sérgio Buarque de Holanda em *"Raízes do Brasil"*, onde o patrimonialismo (juntamente com o personalismo) seria determinante no conceito e atuação do *homem cordial.*

Depois vieram uma enorme gama de intérpretes científicos da realidade brasileira que se utilizaram dos mesmos princípios, dentre os quais é impossível não citar Raymundo Faoro e o emblemático *"Os Donos do Poder"*, Roberto DaMatta e o jeitinho brasileiro em "*Carnavais, malandros e heróis"* e mais recentemente, segundo a crítica de Jessé Souza, Alberto Carlos Almeida no livro *"A cabeça do brasileiro"*, entre outros.

Mas o que Jessé aponta como principal problema referente à interpretação da realidade brasileira é o que decorre da análise patrimonialista (embora não somente dela), que é a redução economicista dominante na análise social brasileira. Essa visão excessivamente econômica – no sentido técnico - surge do fato onde o Estado é arcaico e dominado por corrupção e privilégios, em total oposição ao mercado, que seria a dimensão libertadora do atraso, onde noções como o mérito trariam a redenção e a porta do caminho para a melhoria das condições sociais. Em resumo é o mesmo que dizer que bastaria o crescimento econômico para que as condições sociais comecem a mudar de forma decisiva.

É na redução ao economicismo, fruto também do patrimonialismo, que se baseiam as explicações científico-liberais quanto à manutenção de enormes desigualdades sociais. O Estado demonizado e o mercado santificado, explicações que só servem, segundo Jessé Souza, para perpetuar, naturalizar esta desigualdade, na medida em que não apontam os reais mecanismos que a mantêm:

> Como todo o conflito social é dramatizado nesta falsa oposição entre mercado divinizado e Estado demonizado, os reais conflitos sociais que causam dor, sofrimento e humilhação cotidiana para dezenas de milhões de brasileiros são tornados literalmente invisíveis. (SOUZA, 2009, p. 17)

É exatamente neste ponto em que introduzimos outro conceito explorado neste trabalho, a noção de *"dimensão arcana"* presente no livro do professor Antônio David Cattani, *"A riqueza Desmistificada"*.

A dimensão arcana seria aquilo que mistifica, esconde, escamoteia os detentores do capital, suas origens e suas práticas para se manter no centro das decisões, em um movimento que joga toda a carga pejorativa das degradantes condições sociais de milhões de brasileiros sobre a atuação desastrosa do Estado na condução da economia e da organização social brasileiras. Dessa forma, as noções economicistas de meritocracia tão incessantemente esmiuçadas nas análises de Jessé Souza são ponto central também na noção de riqueza arcana de Cattani, pois a mistificação da origem da riqueza e suas práticas atuam em prol de reproduzir a noção de que para qualquer um é possível chegar ao topo da pirâmide social, desde que as condições do mercado sejam favoráveis para recompensar o esforço pessoal, algo que o Estado só faz atrapalhar.

É na tentativa de identificar os elementos das teorias economicistas nas páginas do jornal Zero Hora, em um assunto extremamente específico, a organização para a copa do mundo de futebol no Brasil em 2014, que busco neste trabalho a identificação e coordenação entre estes dois conceitos centrais, patrimonialismo e dimensão arcana do capital, na medida em que a presença dos dois na forma de elementos intrínsecos a organização estatal e social brasileiras levam necessariamente a mistificação de um modelo econômico e social que ao invés de ser apontado como causa passa a ser idealizado como solução ideal para as conhecidas desigualdades sociais do Brasil atual formando, assim, o modelo teórico economicista que possuiria hoje a *hegemonia*[2] ideológica tanto nas ciências sociais quanto no senso comum.

A adoção do jornal Zero Hora como fonte de dados para este trabalho ocorreu por dois motivos principais: a abrangência de âmbito estadual, no caso o estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente em sua capital, a cidade de Porto Alegre, que foi uma das sedes do mundial de futebol e a própria circulação do jornal, que ainda é o líder no segmento dentro desse Estado (ver quadro 1); E também a facilidade de acesso aos dados de Zero Hora, visto que todas as edições estudadas estão disponíveis no web site da mesma, por meio da aquisição

[2] No mesmo sentido do conceito de Gramsci, hegemonia cultural. In: GRAMSCI, A. 1978. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

de uma assinatura do jornal, o que não ocorre com o segundo maior jornal em circulação de abrangência estadual no Rio Grande do Sul, o Diário Gaúcho.

A análise qualitativa aparece no corpo e na conclusão deste trabalho, onde o objetivo é trazer um panorama da presença dos elementos explicativos economicistas do patrimonialismo e da dimensão arcana do capital, bem como suas conseqüências relacionadas ao modelo explicativo hegemônico no caso da hipótese central ser confirmada, ou na eventual desqualificação da própria hipótese caso os dados mostrarem que na cobertura do jornal Zero Hora acerca da preparação brasileira para a copa do mundo FIFA 2014 não seja possível identificar elementos decorrentes do patrimonialismo na atuação do Estado e suas correlações com a dimensão arcana do capital e o mercado.

Quadro 1: Ranking de jornais impressos por circulação diária.

RANK	TÍTULO	UF	MÉDIA DA CIRCULAÇÃO	VARIAÇÃO 2012-2013
01	SUPER NOTÍCIA	MG	302.472	1,91%
02	FOLHA DE S.PAULO	SP	294.811	-0,95%
03	O Globo	RJ	267.542	-3,72%
04	O Estado de S. Paulo	SP	234.863	-0,15%
05	Extra	RJ	225.622	7,67%
06	Zero Hora	RS	183.839	-0,45%
07	DAQUI	GO	162.013	1,88%
08	DIÁRIO GAÚCHO	RS	159.485	-4,05%
09	Correio do Povo	RS	140.189	-6,27%
10	AQUI (CONSOLIDADO DAS EDIÇÕES DE MG, MA, DF E PE)	MG	129.455	10,91%

Fonte: Associação Nacional de Jornais

CAPÍTULO 1 – PATRIMONIALISMO E CATOLICISMO: JESSÉ SOUZA E A CRÍTICA AO MODELO EXPLICATIVO LIBERAL ACERCA DA FORMAÇÃO DO MITO SOCIAL BRASILEIRO

Como pode ser possível um país do tamanho do Brasil, com todos os recursos disponíveis, ter tamanha desigualdade social? Segundo dados do IBGE cerca de 10% da população brasileira detêm algo próximo de 42% da riqueza[3], algo que não é muito diferente da realidade mundial, mas, para um país que hoje se orgulha em ser a sexta maior cadeia produtiva do planeta, é um fato vergonhoso.

Inúmeros pensadores se debruçaram sobre estas questões, sendo que a maioria, segundo Jessé Souza, realiza suas análises a partir de um modelo explicativo construído historicamente e com objetivos delimitados. É neste sentido que Jessé Souza, a partir de categorias como a oposição entre Estado e Mercado, a naturalização da diferenciação social e a adoção de teses liberais por analistas os quais critica no livro *A Ralé brasileira: quem é e como vive*, tenta explicar algo que afirma estar na gênese dos estados modernos, a apropriação dos recursos por parte de uma minoria que age em prol da manutenção de determinados privilégios, os quais lutam não apenas para mantê-los como também torná-los válidos, legítimos perante a si mesmos e àqueles os quais são excluídos neste processo, algo que fica claro nesta passagem onde cita Weber:

> Para Max Weber, durante toda a história humana, os ricos, charmosos, saudáveis e cultos não querem apenas saber-se mais felizes e privilegiados, eles precisam se saber como tendo "direito" à sua felicidade e privilégio. Um dos fundamentos de várias religiões do passado foi exatamente esse tipo de legitimação. Modernamente, quando a ciência toma da religião a "autoridade legítima" para falar da sociedade e da vida social, são concepções científicas, ou melhor, pseudocientíficas como o economicismo que permitem que os privilegiados desfrutem de seus privilégios como coisa justa e devida... (SOUZA, 2009, p. 20)

Mas enfim qual é a relação entre o economicismo citado por Jessé Souza com o patrimonialismo? Dentre os vários fatores que influenciam na reprodução e manutenção das desigualdades sociais estão tanto o economicismo quanto o personalismo/patrimonialismo. Enquanto o economicismo é responsável pela redução de todas as explicações de diferenciação à esfera econômica, o patrimonialismo seria o modelo explicativo responsável por mistificar algumas das reais causas da desigualdade social, especialmente a diferenciação entre as próprias classes e os diversos acessos que as classes mais abastadas possuem em

[3] Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/default.shtm

relação à ralé, o patrimonialismo é assim um dos fatores que mantêm o foco das explicações em causas econômicas, um dos elementos básicos que formam a atual hegemonia do economicismo como modelo explicativo para tudo e todos. Para entendermos melhor esta relação é preciso buscar a gênese da teoria patrimonialista e mostrar como ela permeia a produção científica nas ciências humanas e, por conseguinte, toda a sorte de formulações quanto à condição social dos brasileiros.

O Estado patrimonialista é corrupto, por vezes populista e recheado com contradições que inexistem na esfera do mercado, segundo a lógica liberal. Pesquisas vêm demonstrando que o nível de confiança dos brasileiros nas instituições tem caído de forma geral, não apenas das instituições políticas, mas estas, seguem com as piores avaliações dentre todas[4].

Quadro 2: Indice de Confiança Social, comparada entre os anos de 2009 a 2013.

(continua)

	2009	2010	2011	2012	2013
Família	90	91	90	91	90
Amigos	67	69	68	70	67
Brasileiros de um modo geral	59	60	60	59	56
Vizinhos	59	59	59	61	57
Corpo de Bombeiros	88	85	86	83	77
Igrejas	76	73	72	71	66
Forças Armadas	71	69	72	71	64
Meios de comunicações	71	67	65	62	56
Empresas	61	60	59	57	51
Organizações civis	61	61	59	57	49
Polícia	52	52	55	54	48
Bancos	61	58	57	56	48
Escolas públicas	62	60	55	55	47
Poder Judiciário/Justiça	52	53	49	53	46
Presidente da República	66	69	60	63	42
Governo Federal	53	59	53	53	41
Eleições/Sistema eleitoral	49	56	52	47	41

[4] Pesquisa realizada pelo instituto IBOPE mediu o ICS (Índice de Confiança Social) em julho de 2013. Dados completos são encontrados em: http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/cai-a-confianca-dos-brasileiros-nas-instituicoes-.aspx

Governo do seu município	53	50	47	45	41
Sindicatos	46	44	44	44	37
Sistema público de saúde	49	47	41	42	32
Congresso nacional	35	38	35	36	29
Partidos políticos	31	33	28	29	25
Geral	**60**	**60**	**58**	**57**	**50**

Fonte: IBOPE, http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/cai-a-confianca-dos-brasileiros-nas-instituicoes-.aspx

As ciências têm servido, em diversas ocasiões, para legitimar esta mesma lógica de explicação da realidade, na ciência social brasileira o patrimonialismo surge como elemento formador do Estado brasileiro desde a tradição colonial.

Algo que chamou de *plasticidade* portuguesa seria a origem do fenômeno brasileiro, quando Gilberto Freyre faz a análise do patriarcado brasileiro identificando o personalismo como traço essencial da organização familiar e social no Brasil, que acaba por se espalhar por todas as esferas da vida social. Para Freyre a tradição colonizadora portuguesa subverteu a lógica do racismo, já que o português mantinha relações não apenas de dominador e dominado com negros e índios:

> Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro... (FREYRE, 1998, p. 367)

Os portugueses conseguem colonizar com sucesso o Brasil por meio da adoção de laços com os nativos e com os escravos. Laços que ultrapassavam os limites do senhor/escravo ou do invasor/invadido e eram capazes até mesmo de criar parentesco entre as diferentes raças. Cria-se assim o mito nacional da igualdade primária e harmonia das três raças fundadoras, Índios, Brancos e Negros e o elemento perfeito que necessitava o governo do Estado-Novo de Getúlio Vargas para unir as pessoas de uma nação tão grande e com tantas diferenças regionais em direção a um projeto de Estado.

Mas se Gilberto Freyre aponta a tradição da colonização portuguesa como diferencial do personalismo brasileiro, é em Sérgio Buarque de Holanda que aparece a sistematização do conceito de patrimonialismo como traço explicativo da construção da identidade nacional. O pré-requisito fundamental para a construção teórica do conceito de patrimonialismo é o *homem cordial.* Esse é o tipo de homem, de cidadão que baseia seu julgamento na emoção, no

cordis (coração em latim), que é capaz de tratar da mesma forma os assuntos de sua casa e os assuntos públicos. O patrimonialismo praticado pelo homem cordial quando este está na condução da coisa pública assombra as instituições estatais brasileiras desde suas origens, pois o homem que toma suas decisões baseando-se nos sentimentos pessoais vai utilizar as mesmas categorias de *"bom"* ou *"mau"*, ou de *"amigo"* e *"inimigo"* na vida pública, nas instituições.

Inverte-se o olhar, o fator emocional que antes era visto como bom, desde a tradição de Freyre, agora passa a ser visto como mau, como uma característica que nos afasta do ideal de sociedade. Surge daí a real noção/conceito de Estado patrimonialista como elemento essencial da realidade nacional brasileira, mesmo tratando-se ainda de uma realidade pré-moderna, na era da pré-industrialização.

Mas, o Brasil estava mudando, partindo rumo ao progresso, deixando para trás a matriz populacional rural e entrando na era urbana, industrial. Com isto, era necessário também modernizar, urbanizar o mito formador da nossa identidade. O país da mestiçagem, do homem cordial, precisava agora de um homem capaz de dar sentido ao modo de vida brasileiro, a toda aquela mesma brutalidade da desigualdade social só que agora amplificada na cacofonia do meio urbano.

Eis que surge então a figura do *malandro*. A boa, nem tão velha assim, mas "legítima" ciência reaparece para dar sentido a um novo momento que ainda necessitava de explicações convincentes.

O antropólogo Roberto DaMatta, com sua obra máxima *Carnavais, malandros e heróis*, traz novas noções dentro do sistema de raças fundadoras e de homem cordial adaptadas agora para o meio urbano, onde as noções distintas de "rua" e "casa" vão responder a dinâmica conflituosa do dia a dia em uma população que tem completa aversão ao conflito. As noções de *"pessoa"* e *"indivíduo"* carregam a subjetivação da dicotomia entre *"rua"* e *"casa"*, enquanto que no mundo da rua o conflito é iminente e somente a hierarquização consegue dar sentido a busca pelo não-conflito, afinal *"você sabe com quem está falando*?" No mundo da *"casa"* a ausência de conflito já é garantida pela negação dessa hierarquia entre aqueles que são somente pessoas, que devem se ajudar e se proteger, é o retorno do *homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda e do patrimonialismo na medida em que a mesma hierarquização que atua sobre o mundo da rua vai atuar na esfera pública: para as pessoas, para os amigos, os "meus", tudo, enquanto que para os indivíduos, para os inimigos, o rigor da lei.

São essas formulações que fundamentam a tese patrimonialista do Estado brasileiro,

fundada na *plasticidade* dos portugueses e a formação do povo brasileiro criando-se laços pessoais, passando pelo homem cordial e chegando ao malandro e herói de DaMatta, que forma aquilo que chama de *Teoria emocional da ação*[5], teoria dominante tanto na esfera das ciências humanas quanto no senso comum, que traz toda a carga patrimonialista e faz com que as diferenças sociais sejam todas explicadas pelo viés econômico, onde basta acelerar o crescimento e desaparecem as mazelas sociais que já duram séculos, a qual denominou de *economicismo*.

[5] Teoria desenvolvida por Jessé Souza no livro "A invisibilidade da desigualdade brasileira" e que sintetiza exatamente a tese da formação do mito nacional brasileiro.

CAPÍTULO 2 - A *DIMENSÃO ARCANA* COMO MISTIFICADORA DA REALIDADE E DA DESIGUALDADE SOCIAL

O conceito formulado pelo professor Antonio David Cattani, a *dimensão arcana da riqueza*, possui a função de ocultar os principais aspectos formadores desta mesma riqueza. Arcano tem sua origem no latim *arcanus*, que significa exatamente algo secreto, privado, escondido ou enigmático. "A mitificação da riqueza leva a santificar seus detentores, considerados pela opinião pública como superiores, impolutos, inquestionavelmente merecedores de suas rendas e patrimônios..." (CATTANI, 2013, p. 10).

Notamos aqui de início uma grande semelhança com os efeitos do conceito de patrimonialismo como formador do pensamento economicista, tal qual estudado por Jessé Souza, já que a dimensão arcana leva a idealizar os detentores da riqueza, em última análise, o mercado; enquanto que o patrimonialismo também trabalha no mesmo sentido, no tempo em que santifica o mercado, após demonizar o Estado.

A riqueza arcana, ou dimensão arcana do capital, se desdobra em dois aspectos fundamentais: um aspecto que necessita ser mostrado, ser visível, para criar a mitificação dos personagens detentores da riqueza e a santificação do mercado. É muito importante citar aqui que quando fala em *detentores da riqueza*, o autor não está se referindo exclusivamente a ganhos de capital, mas a uma série de privilégios e disposições que acompanham os indivíduos de classes abastadas, como poder de influência, grande capacidade de articulação/coordenação com seus semelhantes, familiaridade jurídica, etc. Personagens conhecidos do grande público, como por exemplo, Bill Gates, Mark Zuckeberg, Carlos Slim, Silvio Berlusconi, entre muitos outros; Vão ser os adorados como ícones do mérito.

O segundo aspecto é o inverso do primeiro, quando necessário ocorre a ocultação do elemento humano por trás da riqueza, do capital, do mercado. Nomes genéricos ou simplesmente suficientes em si: O mercado, a corporação, o *business*; enfim, uma série de termos que não necessitam de maiores detalhes para sua compreensão, em um evidente modelo de *totem e tabu*[6]:

> A verdadeira riqueza é discreta e inacessível ao escrutínio da opinião pública e das análises científicas. De qualquer maneira, a dimensão arcana da riqueza possui essa dupla face: quando interessa, ela é exposta para criar o fascínio que deslumbra a

[6] Conforme o conceito desenvolvido por Freud no livro "Totem e tabu e outros trabalhos", onde as relações sacralizadas por relações afetivas de admiração ao mesmo tempo carregam uma carga de regras as quais não se discute, não se fala.

> 'massa ignara' e legitima posições sócio econômicas; o que é exposto são os signos do poder e não sua verdadeira medida, e menos ainda suas fontes. Quando é necessário, ela se torna impenetrável ao conhecimento público ou à fiscalização tributária. (CATTANI, 2013, p. 125-126)

Outro ponto fundamental para o professor Cattani no conceito de riqueza arcana é a necessidade de não ser confundida a noção de interesse com articulação. Note-se aí mais uma convergência deste conceito com aqueles trabalhados por Jessé Souza, na medida em que ambos refutam a idéia de complô, de um plano meticulosamente formulado e posto em prática para levar a cabo um projeto de dominação. Isto não significa que não existam articulações entre os pensadores liberais e/ou entre os detentores do capital, mas, significa dizer que são interesses em torno de disputas de poder, intrínseco a todas as formas da vida coletiva, cada qual com suas características. Buscar explicações da realidade a partir de categorias maniqueístas acaba por trazer mais obscurecimento, mitificação, do que a tradução científica de uma realidade observável.

A construção do conceito arcano é singular. Segundo trabalhos científicos, como o de Atkinson e Piketty (2010) e mesmo alguns dados oficiais de instituições ligadas à ONU e ao FMI demonstram que as desigualdades sociais vêm crescendo de modo alarmante nas últimas décadas, em compasso com o crescimento da produção de bens na escala global, PIB, que só cresce no mesmo período. Mas, se a economia aponta crescimento contínuo e a desigualdade social também só cresce é preciso descobrir o porquê dessa concentração de renda e poder nas mãos de tão poucos, é aí que surgem, então, as dificuldades para se investigar esta condição. Além da já conhecida transferência de recursos do setor público para o privado, movimento que reaparece com força a partir do final da década de 70, este fato por si só não consegue explicar tamanha concentração. É preciso entender quais são as práticas que perpetuam a má distribuição de recursos, algo que não é de fácil identificação, pois se nem mesmo os aparatos burocráticos de diversos governos conseguem mapear as fraudes e evasões de todos os tipos, visto que bancos e diversas instituições estão intrinsecamente ligados ao capital e seus detentores, usando de toda a sorte de recursos para proteger o sagrado sigilo da propriedade privada. Lembrando que chamada *Indústria Cultural*[7] também faz parte do patrimônio de diversos destes personagens (Ted Turner, Berlusconi, Bill Gates, Carlos Slim, Família Marinho, Família Sirotsky, etc.) não há o interesse de nenhum destes e outros atores em terem esmiuçados seus patrimônios e suas práticas, muitas delas escusas. Somam-se a isso os diversos emaranhados jurídicos que protegem o sigilo privado e a própria noção social de

[7] Conceito formulado pelos pensadores Sérgio Adorno e Max Horkheimer que será debatido mais adiante.

sacralização em torno dos detentores destas beneficies temos um quadro que torna praticamente impossível mensurar com precisão todos os recursos à disposição destas pessoas ou famílias. Todas essas dimensões juntas e coordenadas formam o que Cattani chama de *dimensão arcana* da riqueza.

É este conceito que nos permite inferir na sua articulação com a construção economicista de mundo, voltando a Jessé Souza, os ricos querem ser legitimados no seu processo de acumulação e precisam dar cunho científico às suas explicações para esta acumulação. Daí podemos entender como, mesmo com o crescimento exponencial das desigualdades, as categorias economicistas liberais continuam tendo a hegemonia da explicação em todos os níveis. *Trickle Down*, meritocracia, eficiência administrativa/gerencial, entre outros, nunca saem de moda.

Mas, o mais importante para nosso trabalho aqui é saber quais são os efeitos práticos da dimensão arcana da riqueza e do poder. Já sabemos que seu efeito é obscurecedor, mistificador, ilusionista talvez, e que seu objetivo final é a manutenção do status atual entre as classes sociais e do poder nas mãos daqueles que o merecem. Porém, é preciso desvendar como este processo ocorre de forma real, especialmente naquilo que foi escolhida como fonte de pesquisa deste trabalho e identificar na atuação de um jornal de grande circulação em torno dos preparativos para um megaevento esportivo, os elementos que atuam para a eficiência do conceito trabalhado pelo prof. Cattani.

2.1 – Dimensão arcana e a Indústria cultural

Em um brilhante ensaio publicado em 1997, chamado de “Os novos cães de guarda”, o jornalista Serge Halimi denuncia uma situação alarmante na grande mídia francesa: A imprensa escrita e audiovisual daquele país estariam dominados por um pequeno grupo de jornalistas a serviço de grandes corporações e conseqüentemente de uma ideologia que serviria para defender os interesses dessas corporações e seus agentes. Halimi aponta que este seleto grupo de profissionais da comunicação recebe salários comparáveis a astros televisivos e a atletas esportivos, trabalham sempre nos mesmos grupos de comunicação e gozam do prestígio de serem intelectuais, especialistas, perante o grande público.

Mas a principal preocupação de Serge Halimi é a relação de promiscuidade que estes jornalistas que dominam a grande imprensa mantêm com dirigentes políticos que são expoentes da ideologia liberal hegemônica, quase sempre ligados às grandes empresas que controlam as empresas de mídia. Desta relação de promiscuidade surgem diversas práticas

que são um verdadeiro atentado ao ideal de imprensa livre e autônoma: entrevistadores escolhidos pelos entrevistados, perguntas que passam por aprovação prévia de assessores de imprensa, programas de debates com participantes escolhidos a dedo conforme a vontade de editores e consultores ligados ao poder e, claro, a própria escolha das pautas de programas de TV e rádio.

Mas se enganam aqueles que pensam que o caso da França é algo isolado. Em todo e qualquer lugar do planeta onde exista uma classe dominante, a tendência é sempre de que esta classe vá tentar se apropriar dos meios de comunicação de massa, com a intenção de se manter protegida de eventuais mudanças bruscas da opinião pública. Serge Halimi cita uma situação envolvendo o filósofo Noam Chomsky para ilustrar esta situação:

> Noam Chomsky não cessa de repetir o seguinte: a análise da perversão mediática não exige, nos países ocidentais, qualquer apelo à teoria do complô. Um dia, um estudante americano formula-lhe esta pergunta: *"Gostaria de saber como a elite controla a mídia?"* Ele replica: *"Como é que ela controla a general Motors? A pergunta não tem razão de ser. A elite não precisa de controlar a General Motors uma vez que é sua proprietária*"... (HALIMI, 1998, p. 48)

Jessé Souza e Antônio Cattani não subestimam em momento algum a capacidade do grande capital em controlar os canais de comunicação voltados para o grande público. Ambos defenestram quaisquer interpretações que possam levar a adoção de teses conspiratórias, mas reconhecem imediatamente que o poder econômico nas sociedades ocidentais, como a brasileira, exerce definitiva influência sobre os grandes veículos de mídia. Cattani deixa muito claro que o conceito de dimensão arcana da riqueza é diretamente dependente da atuação da grande mídia, pois cabe a ela mostrar apenas aquilo que serviria para causar a admiração necessária e depois esconder tudo aquilo que por ventura pudesse chamar a atenção de investigadores tributários ou científicos.

É desta forma que buscamos inferir como o conceito de Indústria cultural, de Adorno e Horkheimer, está presente nas obras de Jessé e Cattani. Essa indústria é a responsável por reproduzir o pensamento liberal sobre o grande público através de todas as suas manifestações culturais, desde imprensa até produções cinematográficas, agindo como um "inofensivo" meio de entretenimento ou como "importante" meio de informação, perpetua as noções economicistas como meritocracia e consumo tirando o foco de possíveis interpretações diferentes que poderiam por em cheque os privilégios e práticas das classes abastadas.

CAPÍTULO 3 – COPA DO MUNNO. ZERO HORA E A PREPARAÇÃO BRASILEIRA

A copa do mundo de futebol é o maior e mais valioso produto vendido pela Fédération Internacionale de Football Association, mais conhecida pelo seu acrônimo "FIFA". A FIFA é uma associação esportiva que existe nos moldes de uma empresa privada multinacional, sendo que sua sede oficial se localiza na Suíça. Ela visa lucro através da venda dos direitos de sediar competições, de usar as regras da International Board[8] para o futebol e dos diversos contratos de patrocínio que possui com outras empresas pelo mundo afora.

Mas, para poder ser a sede de uma copa do mundo de futebol, um país deve estar entre os duzentos e nove associados que a FIFA possui hoje[9] (mais associados inclusive do que a própria ONU, que possui 193 países membros[10]) e passar por um processo eletivo dentro dos candidatos disponíveis no continente que realizará determinada copa. Após esta eleição, o país escolhido assina uma variedade de protocolos e contratos onde se compromete com as regras estabelecidas pela FIFA para que seja possível a realização do mundial, estes documentos carregam aquilo que ficou vulgarmente conhecido como padrão FIFA, nada mais do que um modelo de organização que a entidade do futebol exige em todos os aspectos da copa do mundo.

Assim, não é errado dizermos que ocorre uma enorme parceria público-privada entre o país sede da copa do mundo e a FIFA. Enquanto o país sede se compromete em alcançar o padrão FIFA, a entidade máxima do futebol mundial se compromete em organizar o evento copa do mundo e também em lucrar em cima deste evento. Ao país sede também cabe adequar sua infra-estrutura e suas leis para que a FIFA possa, em conjunto com seus demais parceiros privados, organizar os jogos, as propagandas, as vendas de material promocional, as vendas de ingressos, os shows e tudo que estiver ligado ao esporte futebol e à copa do mundo.

Quando falamos, então, da "preparação brasileira" para a copa do mundo, estamos falando de todas as ações voltadas para a preparação e organização do megaevento, sejam as ações as quais se comprometeram as esferas públicas da União, Estados e Municípios, ou as

---

[8] A International Football Association Board (IFAB) é o órgão que regulamenta as regras do futebol. Tem sede no Reino Unido e tem a FIFA como associada.
[9] Disponível em: http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html
[10] Disponível em: http://www.un.org/en/members/index.shtml

ações que cabem às centenas de empresas privadas envolvidas neste empreendimento.

3.1 - O jornal Zero Hora e a cobertura sobre a preparação brasileira para a copa do mundo

O jornal Zero Hora é um jornal de âmbito estadual com sede na cidade de Porto Alegre e pertence ao grupo RBS (Rede Brasil Sul) de comunicação. Trata-se do maior grupo de empresas de comunicação do Sul do Brasil e conta com uma enorme variedade de canais de mídia nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que vão desde estações de rádio, portais de Internet, emissoras de televisão e jornais impressos até empresas de marketing, produtora de eventos e empresa de pesquisa de opinião pública.

É também o jornal de maior circulação entre os jornais do Rio Grande do Sul, segundo a Associação Nacional de Jornais e também um dos mais tradicionais. Conta com um web site muito bem organizado e com um arquivo de edições online que vai desde a edição mais atual, até a do dia 30/07/2009.

O método de pesquisa utilizado foi a leitura, durante os meses de julho e agosto de 2014, de todas as edições de Zero Hora de 01/01/2014 até 11/06/2014, véspera do início da copa. Foram encontradas um total de quinhentas e oitenta e três manchetes, notícias, reportagens e opiniões relacionadas com a preparação brasileira para a copa do mundo FIFA 2014, que foram catalogadas e depois selecionadas as mais representativas para ilustrarem este capítulo. No quadro três temos a distribuição destas ocorrências nos diversos setores do jornal e, logo após, uma análise geral do conteúdo encontrado.

Quadro 3: Frequência de matérias em Zero Hora sobre a preparação para a Copa do Mundo

(continua)

	Jan 2014	Fev 2014	Mar 2014	Abr 2014	Mai 2014	Jun 2014	Total
Capa	4	7	5	4	10	9	39
Informe especial	4	3	3	7	12	15	44
Reportagem especial	2	2	4	3	7	7	25
Página 10 (política)	1	0	1	3	3	4	12
Política	0	2	1	1	5	5	14
Editoriais	3	6	5	7	12	13	46

Opinião de leitores	4	7	12	11	17	12	63
Economia	1	0	0	2	4	3	10
Geral	1	1	0	1	2	0	5
Esportes	13	17	16	13	19	7	85
Opinião de colunistas	21	32	27	42	45	23	192
Caderno Copa	0	0	0	0	0	25	25
Diversos	3	3	3	5	4	5	23

Fonte: Pesquisa em Zero Hora de janeiro a junho de 2014.

É importante aqui ressaltar que de todas as ocorrências encontradas relacionadas com a preparação brasileira para a copa do mundo 2014, uma boa parte é constituída apenas de poucas linhas em curtos espaços, somente algumas matérias, especialmente os editoriais e as reportagens especiais tinham mais do que dez linhas escritas. A classificação das matérias por assuntos é algo mais difícil, pois algumas delas, como os editoriais e as reportagens especiais traziam informações de vários assuntos no mesmo texto, geralmente mesclando vários aspectos da preparação, como atribuições dos setores público e privados. Podemos afirmar com certeza de que os assuntos mais abordados foram as obras em primeiro lugar e a preocupação com segurança e protestos em segundo lugar.

As manchetes de capa são frases curtas, porém escritas em letras garrafais e como diz o nome, estão na capa, na frente do jornal, com o óbvio intuito de causar o primeiro impacto de quem está buscando a informação.

Encontram-se na seção de esportes a maioria das matérias, mas cabe lembrar que muitas das matérias encontradas na seção de esportes falavam de obras, segurança, recepção aos turistas, entre outros assuntos que normalmente não estão relacionadas com esportes. As reportagens e opiniões relacionadas com a preparação dos times de futebol, jogadores e demais elementos do jogo de futebol não foram consideradas como parte da preparação do país para a organização da copa.

Conforme a aproximação com o mês de junho de 2014 e, especialmente em junho, o número de matérias sobre a copa aumenta bastante em relação aos outros meses. A partir do dia primeiro de junho Zero Hora lançou uma seção com matérias exclusivas sobre a copa do mundo, mas mesmo assim seguiu havendo matérias sobre o evento em outras seções, especialmente editoriais.

Na edição nº 17.618 de Zero Hora, do dia 05 de janeiro de 2014, encontramos uma matéria que, embora não se refira diretamente à copa do mundo, faz alusão à (in)capacidade do Estado em organizar suas atividades e é emblemática para o entendimento da linha editorial que Zero Hora faz acerca do Estado brasileiro e de sua atuação. A matéria está na seção de política e é assinada pela repórter Juliana Bublitz, pela editora de política Dione Kuhn e o diretor assistente Leandro Fontoura:

Primeiro Caderno

Política

Como destravar a gestão pública

Donna | TV Show | Dinheiro | Pense Empregos | Pense Carros | Pense Imóveis

Figura 1 - ZH 05/01/2014 – Como destravar a gestão pública

O título “Como destravar a gestão pública” já serviria para demonstrar a interpretação feita acerca do Estado, mas a matéria é bem mais elucidativa, trazendo um resumido diagnóstico das mazelas que enfrenta a organização estatal brasileira. Segundo a reportagem, os traços patrimonialistas jamais foram totalmente superados pelo Estado brasileiro, o estamento burocrático não conseguiu reduzir o personalismo dos gestores e ainda piorou a administração com mais lentidão, somente o modelo gerencial que começou a ser praticado no governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1995, conseguiu iniciar este processo de modernização, mas que ainda estaria longe de ser completado. A saída para todos os problemas seria adotar um completo modelo de administração profissional, semelhante ao já utilizado no mercado, categorias como meritocracia, metas, descentralização, flexibilização, entre outras, são apontadas como soluções necessárias para a modernização e racionalização

do Estado.

É interessante notar como praticamente todas as pautas do mercado sobre o Estado estão abordadas nesta matéria, mas, mais importante é percebermos que, mesmo carregado de termos e conceitos histórico/sociológicos, dos quatro "especialistas" trazidos por Zero Hora para comentar a matéria, dois são da área de Administração e outros dois são Economistas (embora Bresser-Pereira também possua formação em Ciência Política).

O Economista e professor da Universidade de Brasília (UnB), José Matias Pereira, chega a falar em "aparelhamento" do Estado por parte dos governos do PT e cita que os concursos públicos têm sido freqüentados por pessoas interessadas apenas na estabilidade e em **"***nunca mais ser cobrados"*. Defende também a meritocracia e a adoção de experiências bem sucedidas da iniciativa privada, embora não cite quais e encerra dizendo que deve ser colocado *"o interesse público à frente do particular"*.

Já o Professor emérito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Luis Carlos Bresser-Pereira, discorre em uma linha um pouco diferente de Matias Pereira. Bresser que foi Ministro da Fazenda no governo de José Sarney e Ministro da Reforma de Estado de 1995 a 1998 no governo FHC e foi o responsável por iniciar a implementação do Estado gerencial, disse que tem havido avanços durante os últimos dezoito anos, embora ainda estejamos longe do ideal de eficiência administrativa.

Os elementos patrimonialistas estão escancarados na análise do Estado por todo o texto da reportagem, bem como a visão economicista de Estado/sociedade, não sendo necessária muita análise para percebê-los.

Partindo então para o foco copa do mundo. Dentre as principais preocupações referentes ao tema da preparação para a copa presentes em Zero Hora, se destacam as obras referenciadas à copa. Fato constante é o tom de cobrança quanto ao uso de dinheiro público na construção de alguns dos estádios de futebol, sendo que em algumas colunas e reportagens as afirmações são de que o dinheiro utilizado nestas obras seria muito melhor aproveitado se investido em saúde e educação, em outras de que haveria um evidente descontrole do dinheiro público utilizado e em alguns casos até insinuações de superfaturamento nas obras.

Podemos notar esses fatores na edição de Zero Hora nº 17.620 de 07 de janeiro de 2014:

Figura 2 – ZH 07/01/2014 – “Nossas casas, Nossas vidas”

A imagem é uma charge do cartunista Marco Aurélio e mostra a presidente Dilma Roussef olhando para alguns estádios da copa e com o título: 2014, “Nossas casas nossas vidas”. A simples alusão ao programa de habitação Minha Casa Minha Vida[11] já seria suficiente para indicar um traço personalista/patrimonialista ao comparar um programa de Estado com a construção de estádios de futebol, mas, o uso da imagem pessoal da presidente da república mostra que existe uma ligação entre não apenas o programa de habitação com a presidente, mas também da construção dos estádios com Dilma, em uma espécie de “mãe de um, mãe de outro”.

Também no dia 07/01/2014 o colunista Wianey Carlet, na seção de esportes, demonstra seu descontentamento com aquilo que considera “Promessas furadas” das autoridades brasileiras. Em meio a seus comentários estão as palavras “conversa fiada”,

[11] O programa Minha casa Minha Vida é um programa habitacional voltado para famílias de baixa renda, financiado pela Caixa Econômica Federal que subsidia a aquisição de casas populares. Maiores informações em: http://www.caixa.gov.br/novo_habitacao/minha-casa-minha-vida/

“fracasso” e “irresponsabilidade”. Cita diversos setores que deveriam estar melhores preparados para o mundial, desde aeroportos até comunicações, e que se o Brasil não ficar com o título de pior copa já organizada será um lucro. Seria a manifestação do colunista um exemplo do que o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues chamou de *complexo de vira-lata*? Mais uma vez a idealização do estrangeiro, especialmente do estrangeiro rico, como meta para nós.

Sem perdão

O país quase pegou em armas quando Jérôme Valcke, Secretário Geral da Fifa, declarou que o Brasil precisava levar um pontapé no traseiro para acordar e agilizar os preparativos para a Copa/2014. Hoje, é o próprio presidente Joseph Blatter quem lamenta que, desde 1975, o Brasil é o país que mais se atrasou nas obras para o Mundial. Engraçado, quando a imprensa criticava a morosidade das obras, as autoridades responsáveis reagiam com péssimo humor.

Promessas furadas

Quantas vezes ouvimos do ministro do Esporte, do presidente da CBF e de outras autoridades esportivas que o Brasil organizaria a melhor Copa do Mundo da história? Pura conversa fiada. Já será um grande lucro se o Brasil não ficar com o prêmio de pior organizador de um Mundial. Como estarão os aeroportos? Mal, já se sabe. E as obras de mobilidade urbana? A maioria não estará concluída, também se sabe. E as comunicações? Nesta área poderá estar o maior fracasso brasileiro, em 2014. Capazes de organizar um grande evento esportivo, isso nós somos. A grande dificuldade é a nossa irresponsabilidade.

Figura 3 – ZH 07/01/14 Wianey Carlet

Outra matéria importante é o editorial publicado em 20/02/2014. Sob o título de “A presidente em campo” esse editorial aborda a atuação direta da presidente Dilma na negociação que viabilizou o contrato entre Sport Club Internacional e a construtora Andrade & Gutierrez. Mesmo que este fato seja verdade, o texto dá a entender que a copa do mundo se tornou um problema para o governo na medida em que não houve planejamento adequado. Mas, utilizando este mesmo caso citado no editorial, consideramos que há no mínimo uma confusão quanto às responsabilidades. Tanto S. C. Internacional quanto Andrade & Gutierrez são entidades privadas, se houve atraso em qualquer momento desta negociação, ou qualquer tipo de negligência a responsabilidade deveria ser imputada às entidades envolvidas e não ao

Estado. A matéria termina com a seguinte passagem: “O Beira-Rio que a presidente da República inaugura hoje precisa ser visto como vitória da negociação, da persistência e de uma vontade política que pode ser estendida também a outras áreas”. Provavelmente, uma alusão aos problemas sociais do Brasil, que, segundo o editorial, não se resolvem por falta de “vontade política” dos gestores públicos. É de saltar aos olhos a exigência crítica (justa ou não) quanto ao Estado, e a falta da mesma exigência quanto às duas entidades privadas que só conseguiram fechar o acordo quando este mesmo Estado interveio, na “verdade” não o Estado, mas a pessoa da presidente.

EDITORIAIS

A PRESIDENTE EM CAMPO

O Beira-Rio que a presidente inaugura hoje precisa ser visto como vitória da negociação e da uma vontade política que pode ser estendida também a outras áreas.

Sem deboche

ARTIGOS

A educação está melhor

A educação não vive só de obras em escolas

Grupo RBS

ZERO HORA

Figura 4 - ZH 20/02/2014 - Editorial “A Presidente em campo”

No dia 29/01/2014 outra charge, desta vez do cartunista Iotti:

Figura 5 – ZH 29/01/2014 – Iotti “Obras da copa”

A charge representa alguns turistas olhando placas de obras que ainda não existem com expressões de que não estão entendendo nada. Chama à atenção as bandeiras que os turistas usam: Inglaterra, Japão, Estados Unidos e Espanha. Todos países com posição central no cenário econômico mundial, países que não teriam os vícios que o Estado brasileiro possui, pelo menos o vício de colocar placas em obras ou atrasá-las. Impossível não fazer alusão à construção do mito brasileiro tal qual nos traz Jessé Souza:

> Nós, brasileiros, nunca nos comparamos com a Bolívia, com a Guatemala, ou mesmo com a Argentina. Nós nos comparamos obsessivamente com os Estados Unidos... na realidade, a comparação explícita e implícita com os Estados Unidos é o fio condutor de praticamente todas as interpretações da singularidade brasileira no século 20... (SOUZA, 2009, p. 33)

O que está por trás desta imagem é o nosso eterno atraso em relação aos Estados Unidos e demais países considerados desenvolvidos, responsabilidade do nosso Estado patrimonialista, atrasado, arcaico.

A próxima matéria selecionada foi publicada na Zero Hora do dia 31/01/2014, na seção “Geral” e faz um panorama do andamento das chamadas obras da copa:

Geral

COPÔMETRO ZH

Trincheira da Anita em agosto

Prefeitura prevê para a próxima semana início de estreitamento de pista da Avenida Carlos Gomes para escavações de obra

AGORA VAI?

AVALIAÇÃO

OBRAS EM ANDAMENTO NORMAL

COM ATRASO, MAS CONCLUSÃO FAVÓVEL ATÉ A COPA

SEM CHANCES DE TÉRMINO ATÉ A COPA

AEROMÓVEL NO AEROPORTO SALGADO FILHO

R$ 37,8 MILHÕES

PROLONGAMENTO DA AVENIDA SEVERO DULIUS

R$ 83 MILHÕES

AMPLIAÇÃO DO TERMINAL DE PASSAGEIROS DO SALGADO FILHO

R$ 345 MILHÕES

AMPLIAÇÃO DA PISTA DO SALGADO FILHO

R$ 300 MILHÕES

AVENIDAS BEIRA-RIO E PADRE CACIQUE

R$ 119,2 MILHÕES

VIADUTO E COMPLEXO DA RODOVIÁRIA

R$ 31,5 MILHÕES

OBRAS DA TERCEIRA PERIMETRAL

R$ 194,1 MILHÕES

ESTÁDIO BEIRA-RIO

R$ 330 MILHÕES

DUPLICAÇÃO DA AVENIDA TRONCO

R$ 156 MILHÕES

SISTEMA DE ÔNIBUS RÁPIDOS (BRT)

R$ 246,7 MILHÕES

DUPLICAÇÃO DA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

R$ 95,3 MILHÕES

Figura 6 – ZH 31/01/2014 – Copômetro – Trincheira da Anita em agosto

A notícia mostra com destaque o custo e o andamento das obras com uma muito resumida explicação de cada situação. Não distingue obras públicas de privadas e não detalha nada, motivos pelos atrasos, responsabilidades, etc.

Outra grande preocupação encontrada em dezenas de reportagens e colunas é com as chamadas “estruturas temporárias”. Algumas matérias falam em R$ 30 milhões outras falam em valores maiores, mas o principal é que, mais uma vez, se trata de uma obra privada onde existiu um “jogo de empurra” entre a FIFA, o S. C. Internacional e a construtora Andrade & Gutierrez, todas entidades privadas que gozam do mais alto prestígio da competência e eficiência, mas que não queriam arcar com os custos das estruturas. Somente quando o poder

público interveio é que o impasse foi resolvido, mas, mesmo assim, não faltaram críticas à atuação do Estado.

Estruturas temporárias...

Na sede do Comitê Organizador Local (COL) da Copa, no Rio, representantes da prefeitura de Porto Alegre e do governo do Estado reclamaram a revisão, por parte da Fifa, de exigências que tornam as obras das estruturas temporárias caras demais. O coordenador do Comitê Geral da Copa (CGCopa), Maurício Nunes, dá um exemplo. A Fifa exige a instalação de geradores a diesel durante 46 dias, mas apenas 15 separaram o primeiro jogo (França e Honduras, 15/6) do último no Beira-Rio (oitavas-de-final, 30/6). O COL rebate que, mesmo sem jogo, é preciso manter o centro de imprensa e outras instalações abertas durante todo o evento.

... rumo à "vaquinha"

Só na redução de geradores, a economia estimada aos cofres públicos chegaria a R$ 1,5 milhão. A tendência, no caso do Beira-Rio, é por uma "vaquinha": COL, prefeitura, governo do Estado, Ministério do Esporte e Inter (que assina o contrato com a Fifa enquanto dono do estádio).

Na sexta-feira tem nova reunião, agora em Porto Alegre. A ideia é que até Ricardo Trade, o todo-poderoso CEO do COL, esteja presente. O objetivo é revisar item por item as exigências e cortar o que for desnecessário. Há esperança de resolver tudo nesta reunião e colocar mãos à obra de uma vez por todas.

O atraso assusta. Nada foi feito. E sem estrutura temporária não tem Copa em Porto Alegre.

O novo gargalo

Dos aeroportos nem adianta mais falar. Nada ou quase nada foi feito. Haverá filas, o sistema cairá, os terminais de autoatendimento terão pane, voos atrasarão e assim por diante. Resta apenas saber em que medida tudo isso acontecerá. Pois conforme o tempo passa, consolida-se um novo gargalo para a Copa: as estruturas temporárias.

A Fifa exige quase uma cidade de mídia e tecnologia nos estádios, para garantir que tudo funcione. Mas quem paga é o poder público. No caso gaúcho, prefeitura e governo do Estado tratam de cortar itens com o COL. O sonho é baixar o investimento de R$ 30 milhões para R$ 20 milhões. Amanhã, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, chega a Porto Alegre. Ele comandará uma reunião operacional de Copa, na qual estará presente o CEO do COL, Ricardo Trade.

Se este novo gargalo não for resolvido logo, o risco é fazer tudo correndo, com chance de prejudicar o espetáculo e ainda jogar dinheiro pela janela.

Nos acréscimos

Nada contra a iniciativa do Palácio Piratini, esmiuçada pelo secretário de Planejamento, João Motta, de buscar parceiros privados para pagar os R$ 30 milhões das estruturas temporárias em Porto Alegre. O que não entendo é só pensarem nisso agora. Quando critiquei o fato de estarmos há 125 dias da Copa sem um prego de instalação provisória cravado nas 12 sedes, mencionei que um diálogo bem conduzido poderia desonerar o poder público de mais esse gasto. A classe política gaúcha ainda daria exemplo ao país.

Mas aí é preciso começar cedo o debate. Não agora, aos 46 minutos do segundo tempo, na base do chuveirinho, para a área o poder público com a desvantagem da corda no pescoço, sem poder de barganha algum. Além de inimiga da perfeição, a pressa é amiga do erro e combustível para rolos lá adiante. A correria abre portas perigosas, inclusive jurídicas. A presença de Dilma Rousseff batendo bola com D'Alessandro, hoje, no Beira-Rio decreta que o problema está resolvido.

De um jeito ou de outro, o dinheiro sai.

Figuras 7, 8 e 9 – Coluna Diogo Olivier – Janeiro/Fevereiro 2014

Esta seqüência de imagens mostra a coluna do jornalista Diogo Olivier em um curto espaço de tempo entre os meses de janeiro e fevereiro de 2014 quando escreveu muitas vezes sobre o problema das estruturas temporárias, na maioria das ocasiões cobrando do poder público soluções para o caso.

A preocupação com a segurança foi uma constante nas páginas de Zero Hora, especialmente no medo de manifestações como as ocorridas em junho de 2013 durante a copa das confederações. Diversas notícias sobre a preparação das forças de segurança, sobre os protestos ocorridos durante os meses pré-copa, em uma reportagem do dia 03/06/2014 (pág.

20) assinada pela repórter Lara Ely diz que nos dias de jogos em Porto Alegre a população terá seu direito de ir e vir cerceado pela polícia militar, criando-se uma espécie de cordão de isolamento em um perímetro nas proximidades do estádio Beira-Rio.

Os manifestos no período pré-copa foram amplamente noticiados no jornal, embora quase sempre os manifestantes e suas reivindicações tenham sido simplificadas, resumidas. Protestos eram quase sempre mostrados por serem contra a copa e os manifestantes sempre sendo usados pelos vândalos, saqueadores e baderneiros que se infiltram no movimento.

Primeiro Caderno

NOTÍCIAS

10

PARALISAÇÃO | PÂNICO SEM POLICIAIS

Arrastões, saques, assaltos e clima de medo em Recife

MOBILIZAÇÃO | A VOLTA DOS CARTAZES

Greves e manifestações antes da Copa do Mundo

MILHARES DE PESSOAS saíram às ruas no país para criticar realização do Mundial. Houve registro de vandalismo e detenções na capital paulista

EM PORTO ALEGRE, ATO DEPOIS DA CHUVA

"Não tem protesto que nos assuste", diz ministro

Figura 10 – ZH 16/05/2014 – Greves e manifestações antes da Copa do Mundo

O editorial do dia 05/03/2014 coloca que mesmo que manifestações sejam legítimas, não é mais o momento de se posicionar contra a copa do mundo, pois ela vai ocorrer mesmo contra a vontade de alguns. Fala em essencialmente em descontentamento com os gastos do governo para com a copa, mas sabemos que os manifestantes têm diversas outras preocupações que não somente os gastos.

Já o editorial do dia 22/04/2014 traz uma situação que é chamada de “cobertor curto”. Segundo os editores de ZH é necessário o anunciado aumento no contingente de policiais militares durante a copa do mundo, que seriam retirados de seus postos em cidades do interior e trazidos para a capital durante os dias do evento. A falta de policiais faz com que seja necessário este tipo de operação, cobre-se uma ponta e deixa-se outra descoberta, mas elogia o “esquema copa” usando termos como flexibilidade e eficiência. O que parece estar explícito aqui é a adoção de procedimentos bem conhecidos da esfera privada, como essa tal flexibilidade, defendida, por exemplo, pelos teóricos liberais quanto aos direitos trabalhistas com a eficiência da máquina pública, no caso aqui a polícia. Nada mais é do que o “jeitinho” de Roberto DaMatta recebendo um polida e sendo colocado como solução para problemas de segurança pública e violência.

Cobertor curto

É bom saber que Porto Alegre terá policiamento reforçado no período da Copa do Mundo, e que os policiais militares estão sendo preparados para esta missão especial que é proteger a população, os turistas e a imagem do país. A segurança é um dos maiores desafios das autoridades brasileiras para garantir o sucesso desse grande evento internacional. Ainda assim, é preocupante que, também nessa área, a realização do Mundial evidencia carências enfrentadas pelo Estado – no caso, a falta de estratégias permanentes para reduzir a sensação de insegurança percebida pelos gaúchos.

Diante da confirmação de que, a partir de meados de maio, um contingente semelhante ao mobilizado no verão para a Operação Golfinho no Litoral será deslocado do Interior para a Capital, dirigentes municipais reagiram com temor. O presidente da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), Valdir Andres, convocou os prefeitos para debater amanhã essa decisão por meio da qual “estamos desvestindo um santo para vestir outro”. O importante é que, diante desse cobertor curto da segurança pública, tanto as demandas da Capital quanto as do Interior possam ser devidamente avaliadas, e não apenas as relacionadas a esse período.

É óbvio que a implantação do esquema precisa se mostrar maleável o suficiente para evitar que municípios do Interior, muitos dos quais com a violência já incorporada ao cotidiano, fiquem ainda mais vulneráveis. O esquema da Copa, porém, deve ser visto como uma prova de que é possível usar os recursos disponíveis nessa área com flexibilidade e eficiência. E precisa servir de modelo para a continuidade de operações que garantam e até mesmo possam reforçar a proteção dos cidadãos no cotidiano, em todo o Estado.

Figura 11 – ZH 22/04/2014 – Editorial “Cobertor curto”

Em algumas ocasiões, a equipe de Zero Hora explicou na forma de matéria seus posicionamentos quanto à copa do mundo, como, por exemplo, no dia 01/06/2014:

ZH TRANSPARÊNCIA

APOIAMOS A COPA, SIM!
MAS COM VISÃO CRÍTICA

Figura 12 – ZH 01/06/2014 – Zh Transparência “Apoiamos a copa, sim! Mas com visão crítica”

O nome do artigo é ZH Transparência e explica ao leitor que o posicionamento oficial do jornal é a favor da copa, mas que dá total liberdade aos seus colaboradores e colunistas para opinarem como quiserem. Diz também que o grupo RBS investiu cerca de quarenta milhões de reais na cobertura da copa, mas não diz quais são as suas expectativas de lucro, nem quais contratos de patrocínio firmou para esta cobertura.

Outra matéria considerada relevante foi publicada também no dia 01/06/2014 em três páginas completas e com o nome de “Duas Copas, Dois Brasis”.

Trata-se de um enorme comparativo das copas realizadas no Brasil em 1950 e 2014, bem como de alguns aspectos do país. Dentre as comparações podemos encontrar: Presidente da República, divisão territorial, renda per capita, PIB per capita, população urbana e rural e um breve resumo do contexto político de cada época, o que nos chamou a atenção é que não há sequer menção de indicadores sociais, desigualdades, etc.

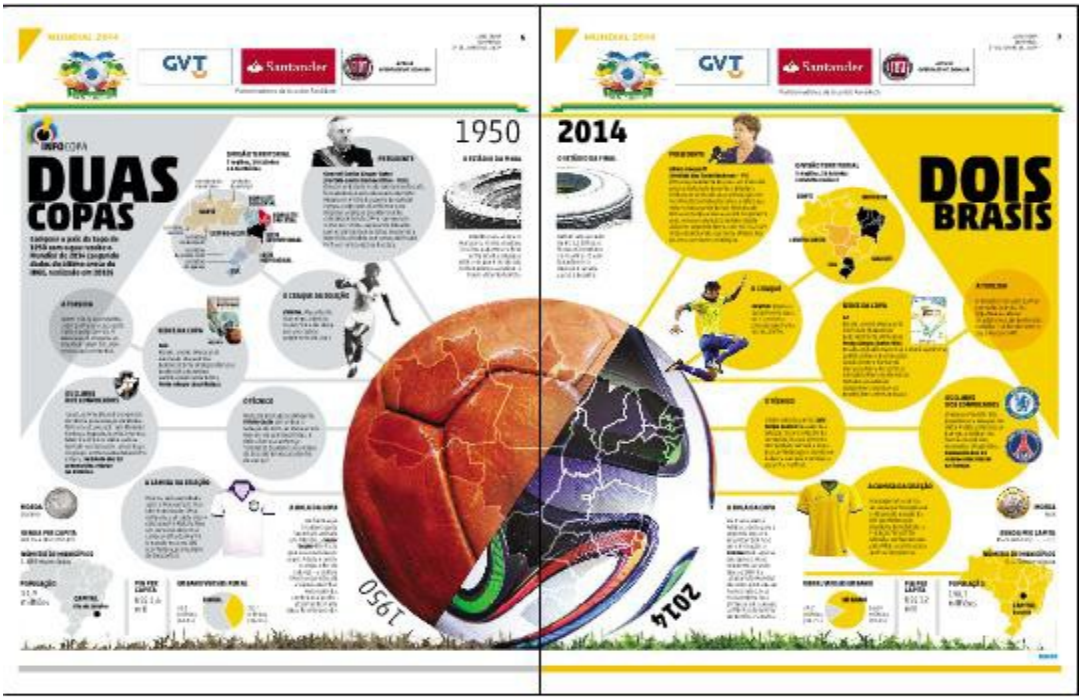

Figura 13 - ZH 01/06/2014 “Duas copas, Dois Brasis”

Outro fator muito pouco abordado por Zero Hora foi sobre os números da FIFA e seus patrocinadores, este tipo de informação não foi assunto priorizado nas centenas de matérias sobre a copa do mundo neste período. A chamada Lei geral da copa[12] concedeu, entre outros benefícios, isenções de impostos para a entidade máxima do futebol e para seus associados na realização do mundial. Sabemos que entre as reivindicações de manifestantes contra a copa, estava o descontentamento com esta lei, algo que não foi abordado Entre as poucas vezes que Zero Hora, dentro do período estipulado trouxe números sobre a FIFA foi em uma reportagem que tratava sobre as o balanço das transferências de jogadores no ano de 2013 publicada no dia30/01/20.

[12] Lei nº 12.663/2012. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/9990/lei_geral_copa.pdf?sequence=1

Números da Fifa

Saiu o relatório anual Transfer Matching System (TMS), da Fifa, de 2013. As transferências internacionais de jogadores de futebol renderam R$ 8,8 bilhões ou 41% a mais do que em 2012.

1 Foram registradas 12.309 transferências no ano passado, 4% a mais que em 2012.

2 O Brasil exportou 656 atletas. É o número 1 em vendas ao Exterior.

3 A conexão Brasil-Portugal envolveu 137 que trocaram a Europa pela América do Sul e 91 que fizeram o caminho inverso.

4 A Inglaterra lidera o ranking de gastos: R$ 2,1 bilhões em novos atletas.

5 Campeã do Mundo, a Espanha foi que mais arrecadou: R$ 1,3 bilhão.

6 A idade média do jogador negociado foi de 25 anos e três meses.

Figura 14 – ZH 30/01/2014 – Bola Dividida “Números da FIFA”

E por fim, as capas de Zero Hora também merecem destaque:

ZH ZERO HORA

SEXTA 23 MAIO 2014

57 MIL ESCALADOS PARA SEGURANÇA NA COPA

Exército, Marinha e Aeronáutica terão uma complexa estratégia de defesa para as 12 sedes. Em Porto Alegre, haverá 3,6 mil militares.

7 BRASILEIROS JOGARÃO POR OUTROS PAÍSES

UM DIA DE PROTESTOS

MP VÊ PAI COMO MENTOR DA MORTE DE BERNARDO

ZERO HORA DOMINGO

UM GUIA PARA A TEMPORADA DE FÓRMULA 1

BOLADOS COM DILMA

Baixo crescimento, inflação alta e intervenções azedaram relação entre os empresários e o Planalto.

O ALIADO QUE INFERNIZA A PRESIDENTE

Por que falta dinheiro para obras da Copa

Brasília inclui prefeitura da Capital no cadastro de inadimplentes e retarda liberação de empréstimos.

Mistério no ar

Cresce hipótese de sequestro do avião

TORCIDA REAL DOS FÃS PELO CASAL DA FICÇÃO

Figuras 15 e 16 – Capas ZH de 16/05 e 16/03/2014

Vinte e duas Capas de Zero Hora trouxeram manchetes referentes à obras ou a segurança/protestos no período estudado, Pelo menos duas em cada mês, o que demonstra que esses assuntos estavam sempre na pauta. Embora nem sempre a manchete da capa reflita exatamente o conteúdo da reportagem, ela é importante por se tratar do primeiro contato com

a notícia e pode ser considerada até mesmo tão demonstrativa da opinião editorial do jornal quanto o próprio “editorial”, pois na capa estão aquelas notícias que foram consideradas pelo editor as mais importantes daquele dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltaremos à pergunta feita no início do capítulo um: Como é possível em um país com tantos recursos haver tamanha desigualdade social? É essa pergunta que estão tentando contribuir para a resposta Jessé Souza e Antônio David Cattani. Os conceitos que eles mobilizam nos apontam que existe uma ideologia hegemônica que perpassa todos os níveis da vida social, que utiliza categorias errôneas na tentativa de analisar os problemas sociais e acaba por perpetuar os mesmos problemas.

Quando vemos pesquisas de opinião, fóruns, redes sociais, programas de televisão, rádio, etc. percebemos o enraizamento dessa ideologia na população. Como vimos também, a profusão das teses patrimonialistas é também responsável pela atual descrença da população brasileira quanto às instituições estatais, especialmente daquelas ligadas à atividade política.

Nossa ambição neste trabalho foi tentar identificar no jornal Zero Hora como estão alocadas essas teses, mesmo no assunto copa do mundo os resultados não são surpreendentes, porém, são preocupantes.

A própria vontade do governo brasileiro em sediar a copa do mundo foi tratada como exemplo de personalismo/patrimonialismo em Zero Hora, visto que o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva é apontado como grande responsável por este empreendimento, como mostramos anteriormente, por exemplo, em uma coluna do escritor Paulo Sant'ana quando este questiona como o prestígio do ex-presidente consegue se manter em alta mesmo depois de ter decidido trazer a copa. Como se não tivesse havido nenhuma conversa com empresários de diversos setores, ou mesmo o “estamento” burocrático tenha tido participação na decisão pessoal do ex-presidente.

Outras passagens falavam em superfaturamento, descontrole, falta de planejamento, falta de “vontade política” em torno das obras de mobilidade urbana, obras de estádios, obras em aeroportos, obras de estruturas temporárias, etc. Muitas das ocorrências que encontramos tinham tom de cobrança para com o poder público quanto às diversas obras da copa do mundo, sendo que na maioria destas ocorrências sequer era citada a diferença entre obras públicas e obras privadas. Todos nós sabemos que existe uma complexa legislação de controle sobre os gastos públicos, especialmente com obras públicas, que normalmente custam quantias elevadas de dinheiro. Portanto, é fácil inferir que, em havendo uma complexa legislação que tenta controlar os gastos públicos e a própria atuação dos agentes públicos,

existem obviamente diversas instituições que atuam neste controle, dentre as principais poderíamos citar: Controladoria Geral da União (CGU) e dos estados; Tribunal de Contas da União (TCU) e dos estados da federação também; O poder legislativo e seu poder de investigação em todas as esferas; os Ministérios Públicos, federal, estaduais e municipais; A própria imprensa, como vimos no capítulo anterior; etc. Mas o Estado brasileiro é sempre incompetente em gerir os recursos públicos pela falta de capacidade ou honestidade de nossos gestores, mesmo com todo o aparato burocrático e com a sempre vigilante imprensa livre.

A constante comparação com países que não possuem há décadas ou séculos os problemas sociais que ainda temos, ou com os Estados Unidos que embora tenham muitos desses problemas possui uma capacidade de geração de bens e recursos financeiros muito acima da nossa (e uma forma bem diferente de se relacionar com o exterior), faz com que nosso olhar esteja sempre voltado para aqueles que possuem configurações sociais e históricas totalmente estranhas às nossas.

Mas, a pior característica do pensamento economicista que usa a todo o momento os traços patrimonialistas como repetida interpretação percebida nas páginas de Zero Hora é que a realização e os gastos com a copa do mundo são uma forma de perpetuação dos problemas do Brasil. Mesmo quando em alguns momentos, tanto Zero Hora como instituição, quanto alguns de seus repórteres e colunistas se disseram a favor da realização da copa do mundo no Brasil, foi invariavelmente com o cunho econômico ou administrativo. Como se a copa do mundo fosse trazer uma condição diferente tanto na esfera econômica como na relação com outros países na geopolítica mundial. Como se não tivéssemos o simples direito de fazer uma festa daquele que é o esporte mais popular do país. Mesmo que concordemos que o Brasil possui inúmeros problemas sociais, não significa dizer que a não realização da copa do mundo vai mudar o destino dos bestializados, muito pelo contrário, achar que a organização de um megaevento esportivo é prejudicial para o futuro do povo brasileiro, especialmente do povo pobre, é o mesmo que caçoar com a inteligência das pessoas que se debruçam sobre o tema. Defender este tipo de argumento é atuar para mistificar os fatores que continuam a determinar o sofrimento diário em péssimas condições de vida, na evidente falta de dignidade mínima que a violência simbólica[13] citada por Jessé Souza (2009, p. 15) e Antônio David Cattani (2013, p. 97) impõe a milhões de brasileiros diariamente. Pois, como nos mostrou Maria

[13] Conceito elaborado por Pierre Bourdieu na obra “A Reprodução”. Significa um tipo de violência que não é física nem psicológica, mas que atua de forma a diminuir seres humanos em relação a outros através de um sistema de disposições e crenças onde o violentado nem mesmo suspeita de sua condição.

Lucia Fatorelli, no artigo *"Bolsa Rico*[14]*"*, somente o pagamento dos juros e amortizações da dívida pública consumiram 708 bilhões de reais no ano de 2012, com estes valores daria para realizar em 2012 cerca de vinte e sete copas do mundo, com todas as obras em estádios, aeroportos, mobilidade, etc. É no mínimo uma estupidez acreditar que os valores gastos com a copa do mundo representam um rombo para os cofres públicos.

Enquanto jornais como Zero Hora e a maioria da população se preocupam com a questão dos gastos, outros fatores muito mais representativos da desigualdade social são ignorados. Para que pudéssemos entrar na dimensão arcana da riqueza e do poder e a desigualdade que ela ajuda a escamotear, precisamos fazer um caminho de mão dupla nas páginas de Zero Hora, observamos com muito cuidado tudo aquilo que encontramos, mas muito cuidadosamente também, observamos tudo aquilo que não encontramos.

Não encontramos na maioria das edições de Zero Hora, por exemplo, números que representassem, mesmo que de forma estimativa, os gastos dos setores privados com a preparação para a copa do mundo 2014, especialmente da FIFA, Seria importante, na nossa avaliação, comparar os números com os tão amplamente divulgados quando referentes aos gastos públicos. A iniciativa privada investiu muito? Investiu pouco? Por que? Infelizmente nestas edições de Zero Hora esta problemática não foi considerada importante a não ser em uma única reportagem muito restrita publicada em ZH no dia 02/06/2014. Com relação à FIFA e seus parceiros comerciais, que tanto exigiram do Estado brasileiro, embora tenhamos visto algumas citações com a expectativa dos lucros destas empresas, não conseguimos apurar seus patrimônios, nem quem são as pessoas por trás do lucro delas, nem para onde vão estes lucros. No máximo vimos um ou dois nomes da FIFA além dos famosos Jerome Valcke e Joseph Blatter.

Quais teriam sido, por exemplo, as exigências da FIFA quanto às acomodações que os estádios deveriam ter para seus convidados VIP? Ou suas exigências quanto à alimentação, transporte, hospedagem de seus dirigentes e convidados? Não conseguimos apurar informações ou mesmo questionamentos referentes a estes assuntos.

O segundo mais abordado assunto no que se referia a preparação do Brasil para a copa do mundo foi a segurança e as manifestações. Como pudemos ver nas matérias comentadas no capítulo anterior e em outras menos importantes que não citamos, havia uma constante preocupação das autoridades e da própria imprensa, no caso o jornal ZH, quanto à capacidade do Estado brasileiro de manter a segurança nos dias do evento. Algumas notícias mostraram

[14] In: CATTANI. A., OLIVEIRA, M. (Orgs.) A Sociedade justa e seus inimigos. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2012.

que o aparato estatal seria gigantesco, policiais seriam trazidos das cidades do interior para as praças de jogos, novos centros de monitoramento foram inaugurados, as forças de segurança receberam equipamentos novos e treinamento especial. O tamanho da preparação da segurança evidenciava o medo de manifestações iguais as de junho de 2013 que colocaram medo na FIFA e no governo durante a copa das confederações.

Muitas outras matérias e editoriais cobriam as manifestações que nunca deixaram de ocorrer, mas, o que elas não mostraram era que os motivos das manifestações não foram apenas quanto à realização da copa e contra o governo federal. Havia também dezenas de outras reivindicações que não foram sequer comentadas em Zero Hora, como por exemplo, a própria cobertura midiática, as isenções fiscais de todos os tipos (especialmente da FIFA e seus parceiros comerciais), a Lei Geral da Copa, a truculência policial, entre muitas outras[15].

Todas estas questões, quando analisadas em conjunto, nos levaram a concluir que a interpretação presente nas matérias e notícias estudadas em Zero Hora era predominantemente economicista, visto que as maiores preocupações sempre foram com gastos e ganhos. A demonização do Estado e beatificação do mercado também foi constante, praticamente tudo aquilo que parecia dar errado era por ineficiência dos gestores públicos, enquanto que a FIFA e seus parceiros comerciais, além de terem recebido dezenas de benefícios, tinham praticamente como única obrigação colher os lucros e isto sintetiza a ideologia dominante: "ao Estado, todas as obrigações, ao mercado, todos os direitos".

Concluímos afirmando que Zero Hora, pelo menos durante a cobertura da preparação para a copa do mundo 2014 durante os meses selecionados, realizou uma cobertura totalmente de acordo com a visão economicista predominante em nossa sociedade se utilizando amplamente dos *conceitos patrimonialistas* e por vezes da *dimensão arcana da riqueza, do poder e do capital*, conceitos que trabalham juntos na construção desse modelo dominante de interpretação dos problemas do Brasil e que ajudam a esconder os reais problemas que assolam nossas populações mais carentes.

Todos estes resultados são, no mínimo, para causar grande preocupação, enfim, como há de se resolver graves problemas sociais se nem as suas reais causas são conhecidas? A não ser por poucos pensadores que se aventuram a escapar dessas brumas, estamos assistindo a um domínio ideológico enraizado em diversos setores do mundo atual, enquanto que as maiores vítimas deste processo sequer se percebem como vítimas:

---

[15] Algumas das reivindicações podem ser consultadas em documento online disponível no site: http://issuu.com/poaresiste/docs/impactos_copa_2014_poa/1?zoomed=&zoomPercent=&zoomX=&zoomY=&noteText=&noteX=&noteY=&viewMode=magazine

> Que o “privilégio” apareça como “merecido” é a forma especificamente capitalista e moderna de legitimação da desigualdade social. A “cegueira” do economicismo é, portanto, dupla: ela é cega em relação aos aspectos decisivos que reproduzem todos os privilégios e é cega, também, em relação à falsa justificação social de todos os privilégios. (SOUZA, Jessé. A Cegueira do Debate Brasileiro sobre as Classes Sociais. In: Revista Interesse Nacional, Ano sete, Número 27. Outubro-Dezembro 2014)

É impossível para um trabalho como este sequer especular sobre o real impacto desse pensamento economicista no dia-a-dia da maioria da população, mas foi possível identificar como está localizado nas páginas de Zero Hora em um assunto de grande apelo popular e como o economicismo perpassa a grande maioria das interpretações sobre a atuação da esfera pública na organização da Copa do Mundo 2014, tratando o poder público como o grande responsável por todos os problemas na organização do evento, enquanto que o mercado (representantes da esfera privada da economia) traz as soluções para as incompetências do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON T., PIKETTY T.: **Top incomes: a global perspective**, Oxford : Oxford university press, 2010.

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. ***A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas*.** In: Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOURDIEU, Pierre e PASERON, Jean-Claude. ***A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*.** Lisboa, 1970.

CATTANI, A. D. **A Riqueza Desmistificada.** Porto Alegre: Ed. Marcavisual, 2013.

CATTANI. A., OLIVEIRA, M. (Orgs.) **A Sociedade justa e seus inimigos.** Porto Alegre, Tomo Editorial, 2012.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

GRAMSCI, A. 1978. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Jessé. ***A ralé brasileira*: quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé (Org.). ***A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira*.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

WEBER, Max.Sociologia. **Coleção grandes cientistas sociais**, n. 13. São Paulo: Ática, 1979.